

MEMÓRIA, CULTURA ESCOLAR E (AUTO)BIOGRAFIA: REGISTRANDO OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE TURVO - SC (1923 a 2017)

MEMORY, SCHOOL CULTURE AND (AUTO) BIOGRAPHY: RECORDING OTHER STORIES ABOUT EDUCATION IN TURVO SC (1913 TO 2017)

Natália Emidio Januário¹

Lucy Cristina Ostetto²

RESUMO: A presente pesquisa apresenta uma discussão a respeito de memória, cultura escolar e autobiografia. Essa discussão visa refletir a importância da preservação do patrimônio de uma cultura escolar para a ressignificação da história, com foco na história da educação do município de Turvo- SC, assim como questionar em que ponto a cultura escolar e as memórias podem ajudar a registrar outras histórias, na perspectiva da memória dos professores. As discussões ao longo do artigo foram fundamentadas com os autores: Barroso (2014), Bernardes; Ostetto (2015), Colodel (2016), Costa et al. (2007), Costa; rabelo (2014), Freitas; Ghedin (2015), Goulart (2010) Lima e Florencio (2017), Menezes (1997), Souza (apud Nascimento; Hetkowski 2007). Além de recortes de documentos da História da Educação de Turvo, que apresenta a biografia de professores e professoras que traçaram o caminho por onde a educação turvense caminhou desde o ano 1913, também se valeu de uma pesquisa bibliográfica, documental e com base na história oral. Sendo subdividido em 3 seções, a primeira, contextualiza o leitor sobre a História do município de Turvo. A segunda trata da valorização da memória e biografia de professores e a terceira seção registra as memórias da professora Patrícia Januário e assim produziu-se sua biografia. Como resultado, notou-se que a cultura escolar e a memória foram importantes para que pudéssemos conhecer mais sobre os professores de turvo, bem como as escolas e datas em que lecionavam e sua relação a sociedade, mas também contribuir para a valorização e preservação dessa cultura escolar.

PALAVRAS CHAVE: Cultura escolar. Memória. (Auto)Biografia. Professores. Educação.

ABSTRACT: This research introduces a discussion about the history supports: memory, school culture and autobiography. This discussion aims reflect the importance of heritage preservation of a school culture for the resignification of history, focusing on the history of

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC. nati_emidio@hotmail.com

² Mestre e doutoranda em História pela UFSC. Professora dos departamentos de História e Pedagogia da UNESC. lco@unesc.net

education in the municipality of Turvo SC as well as to question at what point the school culture and the memories can help to record others stories, from the perspective of teachers' memories The discussions throughout the article were substantiated with the authors: Barroso (2014), Bernardes; Ostetto (2015), Colodel (2016), Costa et al. (2007), Costa; rabelo (2014), Freitas; Ghedin (2015), Goulart (2010) Lima e Florencio (2017), Menezes (1997), Souza (apud Nascimento; Hetkowski 2007). In addition to document cuttings of the history of education in the Turvo, that introduces the teachers biography that traced the way Turvense education has walked since 1913, also use a bibliographical, documentary research and based in the oral history. Being subdivided in three sections, the first, contextualizes the reader about the municipality of Turvo's history. The second treats of the memory appreciation and teacher biography and the third section records the teacher Patricia Januário's memories and so was produced her biography. As a result, it was noted that the school culture and the memory were important for us to be able to know more about Turvo's teacher as well as the schools and dates in wich they taught and their relation with society, but too help to valorize and preserve of this school culture.

KEYWORDS: School Culture. Memory. (Auto)Biography. Teachers. Education.

1 INTRODUÇÃO

Pensar em memórias como um suporte histórico para que a história da educação possa ser registrada é a umas das bases para compreender as discussões abordadas nesse trabalho. A partir do momento em que “tem-se em mãos” um tesouro como as memórias, cabe ao historiador/pesquisador realizar seu trabalho trazendo essas lembranças para a atualidade, reescrevendo a história, que aqui será ressignificada a partir do trabalho com as memórias referentes a educação escolar do município de Turvo- SC, por meio das lembranças e da valorização e exploração da cultura escolar dos educandários do município.

Portanto, podemos considerar as reminiscências, pistas, escritos e narrativas como um ponto de partida para conhecermos outros meandros da História da Educação pois são elas que nos trazem pontos marcantes, que não ficaram registrados em nenhum documento ou registro, mas sim nas páginas das memórias de seus personagens e que vem à tona a partir do momento em que uma pesquisadora as acolhe, registra, analisa e compartilha.

Tendo como questão norteadora o seguinte questionamento: qual a importância da memória e da cultura escolar para ressignificarmos a História da Educação no município de Turvo? Me proponho neste artigo, problematizar as memórias referentes a educação escolar por meio da narrativa biográfica dos agentes iniciadores das atividades escolares da cidade, ou

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

seja, os primeiros professores que até hoje são personagens importantes para a história do município, em busca do alcance de objetivos como apresentar como está registrada a história do município e sob quais condições as mesmas estão; compreender por meio da cultura material escolar do município, qual a influência dos primeiros professores para a educação no município; valorizar a História da Educação por meio das memórias dos professores e professoras. Essas memórias datam o início da fundação do município, em 1913 e ainda tem seus reflexos sobre a sociedade atual, esses reflexos podem ser observados e estudados através de indícios e vestígios que a interação dos sujeitos da história nos deixaram com o passar do tempo. A busca por essas memórias foi realizada através da pesquisa por documentos, registros e objetos pertencentes à cultura escolar do município, que se encontram preservados no Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti, o museu da cidade. Além da pesquisa documental e bibliográfica, a pesquisa contou com o apoio de conversas mediadas onde pode-se colher ainda mais dados para fundamentar esse artigo de pesquisa.

Para isso, daremos maior ênfase para professores e professoras e alguns aspectos que fazem parte da cultura material escolar, como o patrimônio documental, pessoal, objetos e artefatos que podem nos contar estas histórias. Os registros documentais nos trazem essa história de maneira direta, objetiva. Entretanto uma história, para ser significativa deve ser contada levando em consideração algumas características mais íntimas e cada um de seus detalhes que podem acrescentar mais valor para as lembranças do passado, isso só pode acontecer quando se valoriza as narrativas da vida dos professores que lecionaram no município nas escolas e datas citadas a baixo, que podem ser encontradas nos registros da cidade, foram eles: David Raspini, Escola de Alto Turvo em 1914. David Carlessi, Escola de Turvo Baixo em 1914. Peri Pacheco Escola de alto Turvo, 1922. Virginia Cechinel, Escola de Alto Turvo, 1925. Anir Maragno, Escola Reunida Professor Jorge Schultz, 1932. Branca Visalli, Escola Estadual de Turvo, 1936. Ana Rovaris, Escola de Turvo Baixo, 1937. Maria Angeloni, Escola Reunida Professor Jorge Schultz, 1938. Amelia de Mattos, Escola Isolada de Nova Vicença, 1951.

O que sabemos sobre estes professores e professoras? Como a cultura escolar, as memórias e as narrativa autobiográficas podem ajudar a ressignificar suas histórias? Considerando o fato de que tal assunto não foi devidamente estudado no município,

justamente por notar-se falhas na existência, conservação e atualização de registros pertencentes ao tema, justifica-se a importância deste estudo.

Em virtude da escolha desse tema e pelos motivos pelos quais ele foi designado, tal artigo possuirá inestimável valor pessoal e social. Na questão social, acredita-se que com a conclusão desse trabalho, o município de Turvo possuirá um documento que abordará de maneira mais detalhada o referido assunto. O valor pessoal se dá quando a escolha de meu curso de graduação e por consequência, minha formação profissional como professora, tem uma forte ligação familiar, onde duas gerações se cruzam e tornam-se influentes uma à outra.

Para fundamentar a presente pesquisa os autores que contribuíram foram: com Barroso (2014), Bernardes; Ostetto (2015), Colodel (2016), Costa et al. (2007), Costa; Rabelo (2014), Freitas; Ghedin (2015), Goulart (2010) Lima e Florêncio (2017), Menezes (1997), Souza (apud Nascimento; Hetkowski 2007). Suas obras foram responsáveis por referenciar e engrandecer a escrita no trabalho.

Sendo organizado em três seções: o primeiro intitulado: “TURVO NA HISTÓRIA OFICIAL” trará de maneira resumida como se deu a chegada dos imigrantes italianos que colonizaram o município iniciando assim uma colônia com casas de comércio, vias para deslocamento, escolas, igrejas, etc. Esse capítulo pode ser construído com base em documentos do acervo histórico municipal e no livro “Terra e Gente”, do autor Samuel Colodel (2016).

A segunda, com o título: “NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE EDUCADORES (AS) DO MUNICÍPIO”, terá ênfase nas memórias e biografias de educadores e educadoras, fazendo uma análise dos suportes da cultura escolar do município, dialogando com os atores citados.

A terceira, MINHA AVÓ: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA, cujo objetivo é registrar memórias desta que foi a primeira professora de uma das comunidades mais antigas do município de Turvo, a comunidade de Poço da Lontra. Ela foi uma peça chave para o desenvolvimento social da localidade. Registrando essas memórias, pretende-se construir sua biografia, para que a história de sua vida possa ficar registrada e lembrada ao longo de muitas gerações. Esse registro histórico se deu através da pesquisa documental, no acervo histórico do município, mas sobretudo ao acervo pessoal da educadora aposentada, Patrícia

Ribeiro Januário (in memoriam), por outro lado, foram feitas pesquisas com base nas memórias que cresci ouvindo e que foram reavivadas pela conversa com ex-alunos e parentes da professora forneceram os dados em prol da pesquisa científica e com muito carinho por se tratar de uma pessoa tão querida por todos.

Em suma, discutiremos nesse artigo, a participação dos professores e professoras primários e de suas relações nos primórdios da educação em Turvo, criando um enredo onde diversos aspectos da cultura escolar fazem relação com a escrita da história da educação turvense.

2 TURVO NA HISTÓRIA OFICIAL

Colodel um memorialista local nos diz que, “Nesses 102 anos (1914 a 2014), a educação em Turvo é coroada pelo desenvolvimento e preparo dos nossos alunos para a cidadania e para a vida. Graças aos inúmeros professores que lutaram e engrandeceram a educação e a cultura turvense.” (COLODEL, 2016, p. 244). Assim é retrata a educação no município de Turvo, uma cidade localizada no sul do estado de Santa Catarina que foi fundada segundo dados oficiais, no ano de 1913, com a chegada de imigrantes vindos da Itália.

Quando os colonizadores chegaram a Turvo, as famílias dos fundadores da cidade, Bez Batti e Rovaris fixaram residência em dois polos diferentes da colônia. Bez Batti percebeu a necessidade que existisse um educador na colônia, por consequência trouxe para Turvo David Raspini, primeiro professor do município, ele foi designado a trabalhar onde atualmente encontra-se o centro da cidade, nomeado Alto Turvo na época, em uma sala cedida pelo fundador da cidade. Posteriormente foi construída uma capela de madeira, que veio a ser a primeira escola da cidade. Durante a semana funcionava como escola e aos sábados e domingos servia como igreja, para o catecismo das crianças e a reza dos adultos. Seu pagamento era realizado pelo consulado Italiano. Infelizmente não contamos com fotografia desse professor no acervo da cidade, mas encontramos a foto que segue abaixo, retratando a primeira escola do município.

Figura 1: Primeira escola de Turvo.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

David Carlessi, veio para a cidade com a imigração e se instalou em outro polo da cidade, chamado de Turvo Baixo, “como veio de um centro maior, notando a falta de progresso da região, começou a lecionar, procurando instruir assim os colonos daqui.” (História da Educação. Acervo municipal, 1996). Para isso, a comunidade construiu uma capela para que David pudesse lecionar, aproveitaram a construção para rezar nos fins de semana. Sua primeira turma teve cerca de doze alunos: Antônio Simon, Tragano Leonardo, Pedro Zavraris, Natalin Zavraris, Zeferino Vefago, Libro Carlessi, Mário Carlessi, João Simon, Margarida Carlessi, Angelo Manenti, Zeferino Lodetti, Cecilia Acordi. Os primeiros anos da educação no município se deram de maneira, precária. É possível confirmar essa fala em registros documentais da cidade, “a escola funcionava precariamente numa pequena capela de madeira, com cinco bancos para quatro alunos cada um, o quadro negro sobre o cavalete, uma mesa e cadeira para o professor.” (História da Educação. Acervo Municipal, 1996). Vejamos a imagem do professor David, que lecionava em Turvo Baixo em 1914.

Figura 2: David Carlessi.



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

A história oficial, reforça que os imigrantes tiveram extrema importância para o desenvolvimento dos aspectos gerais da cidade, e essa relevância torna-se clara nos documentos do acervo municipal, onde encontramos dados referentes à educação no município, e a sua história que nos traz um enorme engrandecimento dos “pioneiros” da educação, porém umas das objetivações desse artigo é valorizar as outras histórias construídas pelos demais personagens que compunham e foram responsáveis por cada característica dela, ao longo da primeira década do século XX ou seja, a valorização desses outros personagens, outras histórias e outras memórias que não tem total visualização por meio dos registros existentes. Assim, terão nesse processo de pesquisa a maior valorização possível, pois tem-se a necessidade de vê-los como peças fundamentais para dar mais concretude às suas marcas e contribuições para a educação no município.

3 NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE EDUCADORAS DO MUNICÍPIO

A leitura do passado nos permite algo mágico: conhecer por meio de memórias lugares, saberes, práticas e sujeitos. As memórias se unem aos sujeitos por meio de diferentes suportes que testemunham uma temporalidade. Pois são essas memórias que nos trazem história, que nos mostram sentimento e libertam as mais lindas lembranças, que serão

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

apontadas nesse estudo e nos farão compreender que a história não pode ser vista simplesmente como algo ultrapassado.“ Se a história não pode ser considerada um mero recitar de datas e personagens, então é possível que ela tenha a condição de rerepresentar vivências e recuperar a capacidade de narrar o vivido, para além da reprodução sempre igual do cotidiano.”(NASCIMENTO, 2007, p. 7) A narrativa do vivido, acontece a partir de uma série de nuances que tornam possível que essa ressignificação aconteça. Além disso, é necessário que haja um processo contínuo de lembrança e esquecimento para que as memórias possam servir como base para a escrita da história da educação.

Segundo os autores Costa et al (2005) devemos remeter o pensamento para a resposta da seguinte pergunta: o que seríamos nós sem as memórias? São elas as responsáveis por formar a identidade do ser social, que hora tem determinadas lembranças, hora tem outras, justamente por ter a capacidade de se permitir lembrar ou esquecer determinados fatos. Essa capacidade de recordar ou não se dá pelo motivo de que as memórias não são armazenadas e permanecem intactas, mas sim, algo atualizado e recriado constantemente.

É a “partir do exercício da memória que se compreende, se reescreve e se revisita o passado por um olhar que busca justamente essa compreensão do presente, ou seja, rememorar é uma labuta constante, infundável. ” (BERNARDES; OSTETTO, 2015, p. 165). Pode-se afirmar isso na fala de Pinto; Gomes e Silva (2008, apud GOULART, 2010) quando se percebe a questão de que a memória não é algo pronto e que se estagna com o passar do tempo, mas sim algo inacabado, construído a partir da troca e da relação com o outro. Cotidianamente percebe-se que a troca de experiências produz diversos resultados sociais, pois é a partir dessas trocas que os grupos sociais interagem e passam a produzir e criar sua própria identidade, assim como cada membro desses grupos, agente produtor dessas relações e transformações.

Valorizar e ressignificar uma história torna-se possível a partir da análise de todos os seus suportes e indícios que estão disponíveis até o momento da pesquisa. Esse trabalho passa ser possível no momento que esses indícios podem ser encontrados e pesquisados, para isso a preservação de documentos históricos é indispensável para uma busca completa pela cultura escolar em questão. Nesses registros encontram-se, além da história da educação municipal, a história de muitos personagens que merecem visibilidade perante a sociedade, e essa

valorização de todo esse patrimônio pode ser construída a partir do trabalho que está por detrás da ressignificação do passado, onde todos os suportes da história vem a ser reestruturados. A importância desses registros é tamanha, porém ainda é visível que a questão da cultura escolar é uma questão pouco valorizada em nossa sociedade. Tenhamos em mente então, sua importância para a história:

A preservação da memória e do patrimônio escolar têm sido as maiores preocupações do GRUPEHME, desde a sua implantação. Seus membros entendem que os documentos acumulados pelas escolas precisam ser socializados, a fim de possibilitar uma maior interação entre a pesquisa e o ensino, não só de graduação e pós-graduação, mas também com a educação básica, pois a história dos estabelecimentos escolares deve ser objeto de conhecimento não só do mundo acadêmico, mas, sobretudo, das comunidades escolares. (COSTA; RABELO, 2014, p. 45)

Falar em cultura escolar é trazer à tona diversos fatores que podem nos contar a história de um estabelecimento escolar. Essa cultura é tão rica que abrange muito mais itens que possamos imaginar, pois tudo que pertenceu ou se refere a algum educandário pode servir como alvo de investigação para uma pesquisa aprofundada sobre uma instituição escolar, que através de seus documentos, seus móveis, seus membros, pode nos contar histórias ricas em conteúdo, fatos e sentimentos. Parafraseando Rabelo e Costa (2014), os documentos, móveis e personagens de uma cultura escolar nos permitem transportamo-nos para tal cultura e assim podemos passar a entender como acontecia e quais as características dessa cultura citada.

Mas como se conceitua necessariamente essa cultura escolar? Existem obras que nos indicam que instituições de ensino não são meras reprodutoras de uma cultura impostas, mas sim, segundo Barroso (2017), formadora de uma cultura própria a partir das relações e interações de seus sujeitos.

Ainda em busca de um conceito para o termo cultura escolar, Barroso nos diz que:

Embora não exista uma definição consensual desta “cultura de escola” e ela dependa da postura teórica dos seus autores, é possível dizer que ela corresponde a uma metáfora com que se pretende significar os elementos e processos organizacionais que identificam o ethos de uma determinada escola, como por exemplo, valores, crenças, ideologias, normas, condutas, rotinas, hábitos, símbolos, etc. (BARROSO, 2017, p.15)

É de extrema importância que absolutamente todo o patrimônio de uma instituição seja valorizado quando se fala em cultura escolar, quando diz isso entende-se segundo Costa e

Rabelo (2014, p. 47): “por patrimônio cultural os bens com valores artísticos, naturais e históricos.” Portanto engana-se quem considera apenas documentos oficiais como patrimônio cultural, as memórias também o são...

Segundo as autoras Costa e Rabelo (2014) a preservação do patrimônio escolar deveria ocorrer com maior intensidade, de maneira a evitar que a destruição desses materiais possa prejudicar as memórias da educação escolar. Para a construção de um trabalho que tem como objetivo central o resgate histórico, só acontecerá de maneira completa quando existe a valorização e a busca por toda fonte de história, por tudo que possa induzir a lembrar, que possa despertar memórias e assim, contar história.

Todo e qualquer material ou objeto que fez parte de determinada história, nesse caso especificamente a história de educandários, pode sim servir de elo para que ela seja retratada, revivida, “pois os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia” (MENESES, 1997, p. 92), e é essa trajetória que nos ajudar a memorar toda a história que envolve esses objetos, daí sua tamanha importância. Levando em consideração a fala do autor, vejamos alguns exemplos desses objetos, preservados no Centro de Cultura Abel Bez Batti em Turvo, que estabelecem ligações entre o presente e as práticas escolares na época.

Figura 3: Tinteiro.



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

Figura 4: Caneta pertencente à primeira professora oficial de Turvo.



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

Figura 5: Classe. Carteira escolar da época.



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

Ter consigo uma memória é algo tão sublime que não nos cabe apenas guardá-la, (CICERO 2008 apud COSTA, RABELO, 2014), pois guardar algo, como nos casos dos objetos acima, significa uma constante visita a esse guardado. Compreende-se que o autor se utiliza da metáfora para sugerir que nossas memórias não devem ser tratadas como simples guardados que ficam trancafiados e esquecidos, as memórias devem ser constantemente visitadas, admiradas e revividas. Além disso, fica claro na ideia do autor que, quando se possui uma memória ou uma lembrança registrada, existe um objetivo maior que é sua partilha, é compartilhar essa lembrança com a sociedade para que dessa forma ela possa servir como fonte histórica.

Quando se fala em guardar ou trancafiar, podemos observar dois conceitos com significados extremos. Considerando novamente a ideia de Cicero, percebe-se que existe uma preocupação com o que se guarda para que este não se torne trancafiado. Nessa questão pode-se remeter o pensamento aos inúmeros tesouros de nossa história que estão sendo trancafiados com o passar dos tempos, sejam eles: memórias, objetos, materiais ou documentos, que são fortes indícios para o estudo da história.

A partir do momento em que se percebe tais objetos como parte essencial da cultura escolar e de sua rememoração, vê-se também a importância do sujeito que fez história juntamente com tal objeto histórico, em outras palavras: “A biografia dos objetos introduz novo problema: a biografia das pessoas nos objetos.” (MENESES, 1997, p. 93). Assim fazemos uma relação entre a cultura material, existente e resgatada de educandários, e a prática dos professores da época a partir do uso desses recursos materiais. Essa prática nos remete pensar em um ponto da cultura escolar extremamente importante para a história: os sujeitos que foram e são membros dela, que fizeram a história acontecer e hoje são agentes impulsionadores para que ela seja lembrada, estudada e revivida. Esses agentes são peças chave para que possamos entender um contexto histórico.

A memória das pessoas nos proporciona uma reflexão sobre estas mesmas memórias e esquecimentos, assim como sobre as pessoas referendadas nelas. Podemos entender que o passado faz parte do presente, em que os protagonistas dessas histórias, são levados a mencionar detalhes importantes para a reconstituição de acontecimentos. E lembrá-los, que não é só importante, mas necessário à Historiografia de um lócus, de lutas, e gente que nem mesmo tem por pretensão o fazer e ou entrar para a História. (FLORÊNCIO, LIMA, 2017, p. 6)

Para Souza (apud NASCIMENTO; HETKOWSKI, 2007) a história da educação pode ser reelaborada a partir de obras autobiográficas, que são testemunhas de todas as relações sociais que existem dentro de instituições escolares. Fundamentando-se nessa fala, nota-se a importância dessas obras para que a História da Educação seja construída com objetivo de lembrá-la.

Focando nos protagonistas da história, vimos sua importância para que ela possa existir, pois a história não se faz sozinha, precisa de seus agentes, que por sua vez serão alvos de atenção nesse momento. Todos podemos contar uma história, ou passar um fato a diante, porém não há ninguém que fará com melhor maestria do que quem a vivenciou. Somente o

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

agente protagonista da história poderá revelar ao leitor detalhes impressionantes da história, que poderiam ter passados despercebidos pelo outro. Detalhes esses que podem ser de um valor inestimável para a história, para que lê e principalmente para quem escreve. Fundamentando essa fala, destaca-se a fala das autoras: “O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. ” (OSTETTO, BERNARDES, 2015, p. 164)

Como citado anteriormente, este artigo conta com apoio para busca de dados do acervo histórico municipal, onde encontramos as biografias de professores que deram início e continuidade à história, posterior a David Carlessi e David Raspini. As narrativas da vida desses personagens da História da Educação do município são peças-chaves para que haja compreensão de como essa história se deu. Passagens dessas biografias nos mostram detalhes que livros de história jamais poderiam trazer, detalhes que o pensamento do leitor não poderia captar se não por meio das biografias. Veremos alguns recortes dessas narrativas de vida, analisando alguns relatos da vida profissional, destacando alguns dos personagens de maneira a representar os demais professores (as) da história de Turvo. (História da Educação. Acervo Municipal, 1996)

Figura 6: Professora Virginia Cechinel



Fonte: Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti

A imagem anterior retrata a professora Virginia Cechinel, que iniciou sua carreira dando aulas particulares para ajudar na renda familiar, em 1925 foi nomeada como professora na Escola Mista de Alto Turvo, atual Jorge Schultz. Muitos citam seu nome quando se referem a primeira professora por ela ter sido a primeira profissional nomeada oficialmente. “Ficava chocada e penalizada quando encontrava velhos ou mesmo crianças analfabetas, por isso, incentivava sempre os estudantes dizendo ‘estude para não se arrepender mais tarde, estude para ser útil à geração de amanhã.’” (História da Educação. 1996. Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti)

Ana Batista Rovaris, lecionou na Escola de Educação Básica Jorge Schultz em 1948. “Como professora deixa o exemplo, a dedicação e a homenagem a todos os professores atuais da hoje, Escola Básica Jorge Schultz.” (História da Educação. 1996. Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti)

Anir Maragno Manenti, lecionou em Siderópolis e posteriormente em Turvo. “Apesar das dificuldades encontradas, tudo valeu a pena pois conseguiu alfabetizar muitas crianças com sérias dificuldades de aprendizagem que hoje são agradecidas pelo trabalho prestado por aquela que foi uma das primeiras professoras do nosso município.” (História da Educação. 1996. Centro Municipal de Cultura Abel Bez Batti)

A relação entre memórias e (auto) biografias fica claro como pensamos nos dois termos como pontos fundamentais para a escrita da história da educação, pois quando um personagem da história se submete a produzir uma escrita sobre si mesmo, logo relembra e traz para o presente suas lembranças, ressignificando-as. Parafraseando o autor (SOUZA apud NASCIMENTO; HETKOWSKI, 2017) com as lembranças e a memória narrativa o sujeito consegue observar melhor o seu interior, não apenas em relação a atualidade, mas em diferentes tempos, possibilitando assim a existência de uma narrativa a partir de suas experiências. As autoras Ostetto e Bernardes (2015) nos trazem a ideia de que quando se produz uma biografia, o sujeito se reconhece como agente de sua própria história e isso permite que exista a construção de identidades onde o sujeito passa a tomar consciência de si.

As (Auto) biografias podem ser fontes de informações valiosas para atribuir novos significados para a história narrada, assim pode-se compreender a

Abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História. (SOUZA apud NASCIMENTO; HETKOWSKI 2007. p. 66)

É nesse sentido que a biografia “se torna instrumento sociológico que parece poder vir a assegurar esta mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social” (FERRAROTTI, 1988 apud FREITAS, GHEDIN, 2015, p.113). A partir do momento em que se produz uma narrativa de vida, registra-se memórias íntimas e individuais, ou seja, que eram pertencentes apenas ao sujeito que as vivenciou, e decorrente desse registro está a partilha dessas informações/memórias, a partilha dessa narrativa à torna pertencente ao meio social e sua história.

4 MINHA AVÓ: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

Figura 7: Professora Patrícia Ribeiro Januário.



Fonte: Acervo Pessoal da Professora Patrícia Ribeiro Januário.

Quando era criança, eu costumava, a cada visita que fazia a “Vó Pequena”, medir quantos centímetros para que eu, jovem, pudesse alcançar a altura daquela senhorinha de aparência frágil, porém com uma personalidade forte, marcante. Cresci ouvindo histórias de suas vivências, da infância de seus filhos: meu pai e meus tios. Cresci acompanhando a

tranquilidade daquele casal de avôs que apesar de tudo se manteve firme como o alicerce da família. Cresci recebendo a visita de um avô calma que sempre trazia consigo um mimo para me presentear. Acordei uma manhã e senti a falta desse avô, assim como toda a família sentiu. E ela, firme e forte assumiu o cargo de nosso alicerce, nossa amada matriarca, respeitada, admirada... cresci ouvindo minha mãe falar que a Vó Pequena foi professora, muito boa por sinal. Ouvi relatos de seus antigos alunos que confirmam isso com a saudade no olhar, ao falar dos tempos da escola e da professora Patrícia. Cresci. Me formo professora daqui um tempo com muito orgulho de ter a tido como inspiração, além de claro, os demais professores da família. Esse ano nos despedimos dela. Agora já não meço mais centímetros, meço os passos que preciso dar para honrar essa linda profissão assim como ela fez. E a tenho como exemplo. Assim como tenho as mais bonitas memórias relacionadas a ela.

E são esse conjunto de memórias que serão registradas aqui nesse capítulo, memórias referentes a senhora Patrícia Ribeiro Januário, a Vó Pequena como era carinhosamente chamada pelos seus. Patrícia menina, esposa, mãe. Patrícia Professora.

Patrícia menina, nasceu em Tubarão, no dia quatorze de abril de mil novecentos e vinte e quatro, em uma família humilde e numerosa. Com nove irmãos, filha de Manoel João Ribeiro e Estácia Anastácia Felisberta. Enfrentavam muita dificuldade para vencer os desafios que a vida os impunha. Por consequência desses obstáculos da vida, a menina que tinha na época seis anos, foi acolhida por uma família vizinha, por serem uma família que possuía cinco filhos pequenos precisavam de ajuda para o cuidado com as crianças e com a casa, portanto essa função foi determinada para a menina que foi adotada. Tão pequena, tão jovem, se tornou responsável por tomar conta de uma casa e dos filhos da família, e foram essas responsabilidades que desde aquela época iniciaram a moldar seu caráter e sua personalidade.

No ano de mil novecentos e vinte e nove, sua família adotiva, sua mãe e pai de criação, Rosalina e Aris, juntamente com os irmãos decidiram dar um novo rumo à vida mudando-se para a cidade de Meleiro, especificamente para o bairro Jundiá, localizado no interior da cidade. Chegaram instalaram residência e sua mãe adotiva tornou-se professora da comunidade, lecionando em uma sala anexa à sua casa. Os cuidados com os irmãos adotivos cabiam todos à Patrícia, porém os menores precisavam de uma atenção maior da mãe, por consequência disso, sempre que sua mãe precisava se ausentar da sala de aula para dar

atenção às crianças quem assumia a turma era Patrícia, substituindo sua mãe com apenas quatorze anos de idade.

Patrícia esposa, conheceu seu companheiro por volta dos vinte anos. Morador de uma comunidade vizinha, Poço da Lontra, Roseno Manoel Januário. Conheceram-se, apaixonaram-se, casaram-se no ano de mil novecentos e quarenta e seis. Patrícia deixou sua família e mudou-se para Poço da Lontra junto com seu marido. Como fruto dessa união tiveram dez filhos,

Constituíram uma bela família, apesar de todas as dificuldades que a precariedade da época oferecia para os moradores da comunidade, que retiravam sua renda basicamente da lavoura. O casal de jovens criou os filhos com base em valores e princípios que lhes foram ensinados com muito esforço pelos pais, que davam muita importância para a educação dos filhos. Mesmo com pouca idade, os filhos já participavam das atividades rurais contribuindo para a economia da família, dividindo o tempo entre o trabalho na roça com os estudos. Nesse ponto tiveram apoio e incentivo especial. A matriarca da família teria sido maior fonte de incentivo para os filhos em relação aos estudos. Porém como sabe-se, as condições de estudo na época eram precárias, as series ofertadas com ensino gratuito eram as primeiras series do ensino fundamental apenas. Por consequência de sua residência ser localizada ao lado da escola, todas as crianças da família concluíram essa etapa. A educação escolar das crianças foi tomando outros rumos com a mudança de residência da família.

Patrícia Professora, foi reflexo e exemplo durante sua vida toda. Cresceu em uma família onde teve como influência materna uma mulher que foi responsável por mediar o conhecimento através de gerações, uma mulher que atuou como docente em uma época em que a figura do professor era considerada muito importante, uma figura que sempre foi valorizada pelo seu real significado, por sua real influência na sociedade. Observando diariamente esse exemplo em casa, Patrícia na época com quatorze anos passou a participar do cotidiano escolar que acontecia em sua própria casa, onde sua mãe adotiva lecionava. Foi por intermédio de sua mãe que Patrícia conheceu o mundo do ensinar e do aprender pois quando ela precisava se ausentar da sala de aula, quem assumia seu posto era a filha. Até por volta de seus dezoito anos Patrícia exerceu essa função, até que substituiu definitivamente Rosalina.

Em 1946, casou-se e mudou-se para a comunidade vizinha, Poço da Lontra e visto que ali não existia ainda professores, foi nomeada, pelo inspetor de educação época, como professora da localidade, tornando-se oficialmente a primeira professora do lugar. Assim tornou-se exemplo, tornou-se personagem ilustre da história e até hoje é lembrada com muita saudade pelos seus ex-alunos, muitos deles sobrinhos, que em uma conversa informal e descontraída compartilharam suas memórias para engrandecer a pesquisa. Durante a conversa, detalhes da história foram explorados e compartilhados e dessa forma foi possível caracterizar as aulas da professora Patrícia.

Façamos agora então, uma viagem mágica que a recordação das memórias nos permite. No fim da década de cinquenta e início da década de sessenta a Escola Isolada Jundiá, como era chamada, ficava sobre pilares altos do chão, a construção da escola se deu por meio da cooperação da comunidade que levantou tábua pós tábua para que a escola existisse. A construção se assemelhava a uma casa, construída em madeira com as paredes amarelas, e janelas vermelhas já com vidraças. Seu interior era simples possuía poucos móveis, apenas o necessário para a organização dos materiais e o conforto dos alunos. Na sala possuía cerca de quinze classes com capacidade para duas crianças cada uma. A relação entre alunos e professora era agradável, seus alunos lembram saudosamente dos momentos descontraídos que tiveram durante as aulas, das horas que a professora precisou repreender a eles e aos colegas.... Lembram exatamente dos instrumentos disciplinadores pertencentes à professora e da maneira que eram usados, para manter a ordem nas aulas. Lembram dos conteúdos ensinados, das festas que a professora promovia na escola nas datas comemorativas. Lembram dos colegas, do recreio e do futebol no pátio gramado. Lembram de como a figura da professora Patrícia lhes foi importante. Lembram... Por mais que não existam registros documentados dessa vida tão rica de histórias, cada um de nós familiares, amigos e ex-alunos terá nas páginas de nossa memória as lembranças, as lições e o legado que a professora Patrícia nos deixou.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma reflexão sobre a História da Educação município de Turvo-SC com base nos suportes históricos como memória, (auto) biografia e cultura escolar. Além disso permitiu que fosse realizada uma exploração bibliográfica com autores que tratam dessa temática e um primeiro contato com o acervo documental, disponível no acervo histórico municipal da cidade. Assim pode-se perceber como está registrada a história da educação turvense e sob quais condições estão esses registros, viu-se então que os personagens não têm total visibilidade e que a história é contada de maneira tradicional. Logo nota-se a necessidade da ressignificação dessa história de maneira que ela inclua e valorize seus personagens, suas histórias, lembranças e memórias para que assim se escrevam as outras histórias. Foi essa ideia que o artigo trouxe e assim o fez, servindo como um documento onde essas outras histórias pudessem ser registradas e valorizadas. Lembrando que este foi apenas um começo...

De um modo geral, a sociedade turvense tem consciência da importância dos personagens dessa história para que ela seja contada, porém é perceptível que ainda falta maior valorização dos outros suportes que auxiliam para a escrita dessa história. A partir do momento em que se realiza a pesquisa documental evidencia-se uma única história contada, imposta como verdade, que precisam ser ampliadas e revistas por meio de memórias outras.

Tendo como interrogação, a possibilidade de escrever outras histórias a partir do apoio dos suportes históricos já citados, e a considerando o norte deste artigo, vimos que quando se tem como objetivo valorizar as histórias que compõem a História da Educação de um locus é completamente viável desde que os personagens dessa história tenham visibilidade, sejam ouvidos e sejam agentes de sua própria história, sendo peças chave para a narrativa do vivido. Portanto conclui-se que se torna possível que exista o registro de outras histórias por meio das memórias que são frutos das relações entre as pessoas, e essas outras histórias por sua vez, tornam-se extremamente importantes a partir do momento em que são valorizadas e vistas como responsáveis pela ressignificação da história.

A realização desse trabalho abriu um leque gigantesco de oportunidades e interrogações que merecem destaque e maior aprofundamento, e assim surgem possibilidades para próximas pesquisas, próximas explorações e novas maneiras de observar as gerações passadas e dar visibilidade para diferentes sujeitos que não estão registrados na história

6 REFERÊNCIAS:

BARROSO. João. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. **UNESP**, v.1, 2014. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65262?locale=pt_BR Acesso em: 02 out. 2017.

BERNARDES. Rosvita Kolb; OSTETTO. Luciana Esmeralda. Modos de falar de si: a dimensão estética das narrativas autobiográficas. **Revista Pro- Posições**. v. 26, n.1, jan./abr.2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0161.pdf> Acesso em: 02 out. 2017.

COLODEL. Samuel. **Turvo Terra e Gente**. Florianópolis: DIOESC, 2016. 669 p.

COSTA. Marli de Oliveira et al. **Lutas e conquistas: história e memória da Escola Pública Municipal “Honório Dal Toé”**. Criciúma, UNESC. 2007. 147 p.

COSTA. Marli de Oliveira et al. **Escola Casemiro Stachurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma: UNESC, 2005. 113p.

COSTA. Marli de Oliveira et al. **Lutas e conquistas: histórias e memória da escola pública municipal “Honório Dal Toé”**. Criciúma: UNESC, 2007. 142p.

COSTA. Marli de Oliveira; RABELO. Giani. Centro de Memória da educação do sul de Santa Catarina e os estudos sobre a educação escolar. **Educação Unisinos**, v. 18, n. 1, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.181.05/0> Acesso em: 02 out. 2017.

FLORÊNCIO. Ana Michele da Silva; LIMA. Lourdes Rafaella Santos. Memórias e História Oral: Biografia de uma educadora. In: XI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA, 2017, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494038637_ARQUIVO_ArtigoMemoriaseHistoriaOralANAMICHELEERAFANELLA.pdf Acesso em: 02 out. 2017.

FREITAS. Liliane Miranda; GHEDIN, Evandro Luiz. Narrativas de Formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, v.10, n. 19, jan./jul. 2015. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1929> Acesso em: 02 out 2017.

GOULART. Angélica da Silva. **Jessy Cherem: a construção da trajetória de uma educadora em criciúma na década de 1960**. 2010. 55. f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067> Acesso em: 2 out. 2017.

SOUZA, Eliseu Clementino. (Auto)biografia, história de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. (Orgs). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA:2007. p. 58-74. Disponível em
<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> Acesso em: 02 out. 2017.

6. FONTES

Acervo Pessoal da Professora Patrícia Ribeiro Januário.

História da educação. Acervo histórico do município de Turvo- SC, 1996.